

# IDENTIDADE, REFERENCIAÇÃO E TEXTO DIGITAL: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

## IDENTITY, REFERENCE AND DIGITAL TEXT: A LANGUAGE-DISCURSIVE ANALYSIS

Marize Barros Rocha Aranha<sup>1</sup>, Evaldo Carlos de Oliveira Cardoso<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao articularmos os pressupostos teóricos da referenciação à questão da identidade e texto digital, mostraremos que essa tríplice relação é possível numa perspectiva de análise linguística e discursiva. Para tanto, fazemos uma breve abordagem sobre a trajetória evolutiva da Linguística Textual, com foco na referenciação, processo fundamental para a construção do sentido do texto; discutimos acerca da identidade do sujeito, a partir dos processos referenciais, enfatizando a construção dos objetos de discurso; também discorremos sobre o texto digital e suas características, centrando-nos na rede social Facebook como espaço de escrita do texto digital. O aporte teórico é constituído pelos seguintes autores: Araújo e Leffa (2016), Antunes (2010 e 2017), Bakhtin (2000), Barton e Lee (2015), Cavalcante (2012 e 2013), Charaudeau (2012), Hall (1999), Koch (2017), Martins (2016), Mondada e Dubois (2016), Roncarati (2010), Shepherd e Saliés (2013), e Silva (2007).

**Palavras-chave:** Identidade; Referenciação; Texto digital; Discurso.

**ABSTRACT:** By articulating the theoretical presuppositions of reference to the question of identity and digital text we will show that this triple relationship is possible from a perspective of linguistic and discursive analysis. In order to do so we make a brief overview of the evolutionary trajectory of Textual Linguistics focusing on reference, a fundamental process for the construction of the meaning of the text; we discuss the identity of the subject, starting from the referential processes, highlighting the construction of the objects of discourse; we also talk about digital text and its characteristics, focusing on the Facebook social network as a space for writing digital text. The theoretical framework consists of the following authors: Araújo and Leffa (2016), Antunes (2010 & 2017), Bakhtin (2000), Barton and Lee (2015), Cavalcante (2012 & 2013), Charaudeau (2012), Hall (1999), Koch (2017), Martins (2016), Mondada and Dubois (2016), Roncarati (2010), Shepherd and Saliés (2013), and Silva (2007).

**Keywords:** Identity; Reference; Digital text; Discourse.

### 1 Introdução

O processo evolutivo por que passou a Linguística Textual, notadamente, a transição de uma postura de análise centrada no cotexto (endofórica) para outra postura que leva em

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação (UFMA), doutora em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP/SP e Professora do Departamento de Letras da UFMA. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras - PGLetras e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB da UFMA.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG Letras.

conta o contexto e as interações sociais (exofórica), culminou com o surgimento de uma nova forma de estudar o texto e de desvendar seus segredos: a **referenciação**.

Neste trabalho, buscamos investigar, pelo viés linguístico-discursivo, a relação entre referenciação e construção de identidade no texto digital, analisando comentários extraídos da rede social *Facebook*.

Para atingir este fim, a primeira parte de nosso percurso começa com uma abordagem geral sobre a evolução da Linguística Textual, que culmina com a apresentação dos fundamentos teóricos da referenciação, cujos processos são essenciais para a construção do sentido do texto. A segunda parte trata do conceito de identidade do sujeito e de sua relação com a referenciação. Na terceira parte, discorreremos brevemente sobre texto digital, colocando em foco a rede social *Facebook*, que é um espaço de escrita em nossa realidade atual, marcada pelos avanços das tecnologias digitais; na quarta parte, apresentamos nossa proposta de análise em que refletimos sobre o processo de construção dos referentes e como isso pode influenciar na construção identitária do sujeito. Na última parte, apresentamos as considerações finais, trazendo os principais resultados e contribuições deste trabalho.

Com esse propósito, guiamo-nos por um referencial teórico constituído por relevantes discussões: sobre redes sociais, Araújo e Leffa (2016); sobre texto, textualidade e análise de texto, Koch (2010, 2014, 2015 e 2017) e Antunes (2010 e 2017); sobre a linguagem on-line, Shepherd e Saliés (2013) e Barton e Lee (2015); sobre referenciação, Cavalcante (2003, 2012, 2013 e 2014); sobre linguagem e discurso, Charaudeau (2012); sobre referenciação, subjetividade e identidade do sujeito Farias Júnior (2017) e Martins (2016); sobre identidade Hall (1999) e Silva (2007); sobre cibercultura, Lévy (2010 e 2011); sobre cadeias do texto e referenciação, Roncarati (2010).

Assim, esperamos que os resultados possam contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre a referenciação, em especial as questões identitárias do sujeito postuladas no âmbito das Ciências Sociais. Nesta pesquisa, utilizaremos, como corpus, o texto digital em redes sociais.

## ***2 Evolução da linguística textual***

A referenciação faz parte do campo teórico e metodológico da Linguística Textual (LT). Por essa razão, de início, enfatizamos a transição das abordagens centradas nas estruturas gramaticais para aquelas voltadas ao discurso, mudança essa que fez com que questões relativas ao sentido do texto e à argumentação passassem a ser vistas não mais por

meio de análises superficiais, restritas ao cotexto, à sua materialidade, mas pelo viés da comunicação/interação humana.

Em função disso, apresentamos aqui alguns pontos pertinentes dos escritos de Koch (2017) sobre os aspectos evolutivos da LT, tais como:

A dimensão pragmática traz à Linguística Textual uma mudança de paradigma importante. Os textos, segundo essa corrente teórica, não são considerados produtos prontos e acabados a serem estudados apenas pelo viés sintático e semântico, mas, pelo contrário, são componentes de uma atividade complexa, presente nas interações sociocomunicativas dos falantes. É nesse ponto que entram em cena os estudiosos da Teoria dos Atos de Fala, bem como os da Teoria da Atividade Verbal:

[...] Heinemann & Viehweger (1991), ao fazerem uma retrospectiva da Linguística Textual, distinguem entre modelos contextuais e modelos comunicativos, mencionando, entre estes últimos, aqueles baseados na Teoria dos Atos de Fala e os que tomam por pressuposto a Teoria da Atividade Verbal. Comum a estes modelos é a busca de conexões determinadas por regras, entre textos e seu contexto comunicativo-situacional, mas tendo sempre o texto como ponto de partida dessa representação (KOCH, 2017, p. 27).

É preciso considerar também que “[...] na medida em que cabe a uma teoria de texto abordar a produção e recepção de textos que funcionam comunicativamente, ela terá de ser forçosamente pragmática, pois, de outra forma, não teria condições de existir” (p. 29).

Se antes a língua era estudada pela própria língua, ou seja, primando apenas por seu aspecto estrutural e semântico, na visão pragmática, era preciso considerar o seu aspecto funcional, isto é, a língua em uso nas diversas situações de comunicação. No entanto, outros estudiosos, mesmo considerando tais aspectos como válidos, ampliaram os estudos e passaram a focar os aspectos cognitivos da linguagem.

Neste ponto, a nova orientação para os estudos do texto, que surge na década de 1980, propugna que todo fazer (ação) é acompanhado de processos cognitivos. Nesse sentido, os processos mentais ocuparam uma posição central, e o texto passou a ser considerado como o resultado de tais processos. Dizendo de outra forma, para que o processo comunicativo seja exitoso, precisamos ativar certos conhecimentos acerca dos diversos tipos de atividade social, que se encontram armazenados na memória (KOCH, 2017).

E mais, nessa maneira de conceber o texto,

Todo e qualquer processo de compreensão pressupõe atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução –, no qual as unidades de sentido ativadas, a partir do texto, conectam-se a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo global também ativado em sua memória. (KOCH, 2017, p. 39).

Nesse sentido, a **inferenciação** passou a ser a alternativa utilizada pelo ouvinte/leitor para tornar o texto condição fundamental para qualquer tipo de (re)elaboração da coerência textual em que as informações inferenciais são processadas *on-line*, ou seja, no ato da comunicação.

No entanto, as mudanças de perspectiva teórica na LT não cessaram. O estudo da cognição mostrou-se insuficiente para explicar o fenômeno complexo da comunicação humana. Assim, tornou-se necessário considerar os aspectos sociais e interacionistas em nexos com os aspectos cognitivos.

Na abordagem cognitivista clássica, havia uma separação entre exterioridade e interioridade e entre os fenômenos mentais e sociais. Sendo assim, o ambiente era apenas uma “fonte de informações para a mente individual” (KOCH, 2017, p. 41). Por essa razão, as críticas não tardaram a surgir, dando origem a outra corrente teórica: a sociocognitivo-interacionista.

Dentro desta concepção, amplia-se, mais uma vez, a noção de contexto, tão cara à Linguística Textual. Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como cotexto [...], tendo, quando da introdução pragmática, passado a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a construir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação (p. 43-44).

Um dos estudos da LT, que interessa de perto a este trabalho, é o da referencialização, que trouxe um novo entendimento acerca dos postulados teóricos sobre a noção de referência, a partir da visão sociocognitivo-interacionista.

### ***3 Fundamentos teóricos da referencialização***

Ao pensarmos na organização global de um texto, encontramos na referencialização uma das formas fundamentais para a construção do sentido. Por isso não é de causar surpresa a sua estreita ligação com os campos da semântica e da pragmática. Mas é preciso lembrar que as formas de referir hoje são o resultado de um processo evolutivo ocorrido no âmbito da LT, como fora abordado anteriormente.

Historicamente, no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970, os estudiosos do texto restringiam a referência às ligações cotextuais por anáfora e catáfora, dando primazia à correferencialidade (KOCH, 2017). Em outras palavras, o foco era o que se encontrava na superfície do texto e não no contexto.

Os estudos linguísticos avançaram, e o caráter da língua como “espelho” da realidade, visão instrumentalista predominante nos estudos lógico-semânticos (MARCUSCHI, 2008), deu lugar à concepção sociocognitivo-interacionista, que concebe os sujeitos como atores sociais e na qual “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2017, p. 44). Nessa perspectiva, e tendo em vista que a referenciação é uma prática discursiva, “os referentes passam a ser concebidos como objetos de discurso elaborados, pelos interlocutores, no interior dessa atividade” (LIMA e FELTES, 2013, p. 32-33).

Nesse contexto, Koch (2017), apresentando as ideias de Isidoro Blikstein (2006) sobre referenciação, destaca

[...] que o fato de ser o *referente* (*objeto mental, unidade cultural*) extralinguístico não significa que deva ser relegado pela Linguística, pois ele está simplesmente situado *atrás*, ou antes, da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. É na dimensão da percepção-cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico (KOCH, 2017, p. 59-60).

A partir desse ponto, reforça-se a ideia de que os referentes não são dados *a priori*, mas construídos nas práticas discursivas, também numa perspectiva sociocognitivo-interacionista.

Outra questão que a autora esclarece é a mudança terminológica de *referência* para *referenciação*, que, por mais que sejam parecidas, têm certas particularidades que fazem muita diferença. Enquanto uma está presa ao cotexto, e é estável, a outra é instável, processual, e acontece por uma reelaboração da realidade, que se expressa por pistas cotextuais, mas que só se efetiva na consideração do contexto inteiro.

A esse respeito, Koch (2017) esclarece:

Nosso principal pressuposto no que diz respeito a essa questão é o da referenciação como atividade discursiva [...], que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem. É esta, também, a posição de Mondada & Dubois (1995), que as leva a postular uma instabilidade das relações entre as palavras e as coisas (KOCH, 2017, p. 61).

Entre as operações básicas de referenciação, destacam-se a *construção/ativação* (introdução de um objeto textual no “endereço” cognitivo, locação); a *reconstrução/reativação* (reintrodução de um nódulo por processo referencial, mantendo o objeto-de-discurso saliente) e a *desfocalização/desativação* (um novo objeto de discurso é introduzido, ao passo que outro é desfocalizado) (KOCH, 2017).

Essas estratégias envolvem, necessariamente, uma intersubjetividade. Dessa forma, quem escreve precisa delimitar o referente, torná-lo reconhecível, e quem lê deve identificar o referente, a partir das informações disponíveis no enunciado. Como observa Cavalcante (2012), a organização referencial é um aspecto central da textualização, dando continuidade e estabilidade ao texto, promovendo, assim, a coerência discursiva.

Vemos, portanto, que o processo de referenciação está diretamente relacionado à atividade de construção de “objetos de discurso” (referentes). À medida que determinado texto se desenvolve, é possível estabelecer diferentes formas de referir o mesmo objeto. Além disso, “os objetos referidos em um texto podem ser de natureza diversa: mais ou menos individualizados, mais ou menos salientes; mais ou menos concretos e até abstratos” (CAVALCANTE, 2012, p. 101).

Nesse contexto, e considerando os aspectos da *referência* e da *acessibilidade*, Cavalcante (2013, p. 133) esclarece que, “Quando paramos para considerar a intrincada rede de conceitos e objetos que se (re)constroem na memória discursiva dos interlocutores, constatamos quanto ainda carece ser explicado, e reapreciado, dos mecanismos inferenciais da referenciação”.

A autora reitera suas concepções a respeito das espécies de acessibilidade, explicando que:

Em primeiro lugar, salientamos que não adotamos o pressuposto insuficiente, e inadequado, de que é possível estabelecer uma relação *a priori* entre processos referenciais, tipos de acessibilidade e formas de designação de referentes. Em segundo, diremos que, em muitas instâncias de uso, será possível falar do acontecimento simultâneo de mais de um sistema de memória e de mais um tipo de acessibilidade, mesmo em situações não-previstas no quadro descritivo anterior (CAVALCANTE, 2013, p. 138).

Ressalta também que pode haver certa fusão entre dêiticos, introduções referenciais e anáforas, cujos efeitos podem ser surpreendentes. Para tanto, em todas essas questões que aborda, Cavalcante (2013) deixa bem claro que é imprescindível, em se tratando de referenciação, atentar para o papel importantíssimo da atividade do discurso em sua dimensão situacional, social e interacional.

Dito de outra forma, o processo de construção e reconstrução dos objetos se dá no interior do próprio discurso que, segundo Mondada e Dubois (2016), “são processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros [...]” (p. 22). Como mostraremos a seguir, todas essas concepções confluem para a relação entre referenciação e identidade, sobre a qual discorreremos no percurso desse trabalho.

#### **4 A relação entre referenciação, identidade e texto digital**

Para tratar das representações de identidade com a referenciação em textos da mídia digital, começamos por discorrer, brevemente, sobre as concepções de identidade do sujeito. Trata-se de uma questão bastante complexa e, no nosso entender, uma vez que a identidade passa pelo viés cultural, um dos melhores caminhos para começar a compreendê-la é por meio de um estudo “inter” e “transdisciplinar”, como sugere Silva (2007). A Psicologia e a Antropologia estão entre as ciências humanas que estudam a identidade do sujeito. E, em nosso caso, propomos estudá-la pelo viés linguístico-textual, a partir dos pressupostos da referenciação.

À primeira vista, como afirma Silva (2007, p. 74):

[...] parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida apreça ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.

O mesmo vale para a questão da diferença, se levarmos em conta essa maneira de conceber a identidade. Todavia, considerar a identidade do sujeito como algo autônomo, “autorreferente”, vai de encontro a muitas correntes teóricas, como, por exemplo, a do dialogismo bakhtiniano, retomado por Faraco (2009), que afirma ser a nossa constituição de sujeito uma soma de diversas vozes que nos atravessam, ou seja, “eu não posso ser sozinho”, “eu só posso ser com o outro”. Nesse sentido, a identidade jamais poderá ser um produto “solo”, mas sempre social.

A esse respeito, Silva (2007) esclarece:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (p. 76).

Logo, sendo a identidade uma produção sociocultural, o ideal é falar em “identidades”, no plural. Como afirma Martins (2016, p. 56), ao ler Hall (1999), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

#### 4.1 Identidade: ato de referir

O ponto de interseção da referenciarão com a identidade do sujeito passa pela questão da intersubjetividade, que aqui apresentamos com o propósito de “analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo através da linguagem e estão, deste modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos” (MOITA LOPES, 1998, p. 305, apud MARTINS, 2016).

Quando analisamos os referentes em um texto, vemos que eles podem revelar traços identitários do sujeito-autor. Como explica Antunes (2017, p. 96, grifo nosso), “as expressões com que nos referimos às coisas do mundo são designativas, mas **carregam também um peso ideológico**, ou certo viés de valoração, conforme a percepção cultural de quem, em determinado contexto, recorre a elas”.

Outro aspecto que podemos considerar é o fato de a referenciarão constituir-se uma prática discursiva e, por conseguinte, realizar-se na enunciação. Para essa visão, converge uma das posições de Charaudeau (2012) sobre a relação do locutor consigo mesmo, sobre seu comportamento elocutivo:

O resultado é uma enunciação que tem como efeito *modalizar subjetivamente* a verdade do Propósito enunciado, *revelando* o ponto de vista *interno* do sujeito falante. Desse modo, o Propósito referencial é situado no universo de discurso do sujeito falante (CHARAUDEAU, 2012, p. 83, grifos do autor).

Na mesma linha, vale a pena observar o pensamento de Bakhtin (2000, p. 308, *apud* MARTINS, 2016), que afirma que “a língua enquanto sistema dispõe [...] de um rico arsenal de recursos linguísticos (lexicais, morfológicos e sintáticos) para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor”.

Esses posicionamentos teóricos corroboram e culminam com o nosso propósito de demonstrar como a referenciarão relaciona-se às questões de identidade.

#### 4.2 O texto digital e a rede social *Facebook*

Uma vez que nossa proposta de aproximação entre referenciarão e identidade desemboca no texto digital, especificamente, no *Facebook*, convém fazermos uma breve abordagem teórica sobre este tipo de texto.

Assim, começamos por Barton e Lee (2015), que mostram um aspecto bastante pertinente acerca do uso da língua em nossa realidade atual, marcada pela tecnologia digital e das interações ocorridas *on-line*:

Para a linguística e o estudo da linguagem de maneira mais ampla, um conjunto de conceitos estáveis desenvolvidos nas últimas décadas caiu por terra. A palavra “texto” é um exemplo. Antes de tudo, não se pode mais pensar em textos como relativamente fixos e estáveis. Eles estão mais fluidos com as virtualidades mutantes das novas mídias. Além disso, estão se tornando cada vez mais multimodais e interativos. (BARTON e LEE, 2015, p. 31).

Nesse contexto, uma das redes sociais que pode ser estudada pelo viés linguístico-discursivo é o *Facebook* que

[...] apresenta uma justaposição de espaços on-line [...]. Além das atualizações de status, há um recurso de comentário que, por vezes, age como site para minifóruns de discussões [...] O Facebook é um dos melhores representantes da cultura de convergência. Os usuários podem facilmente se conectar a sites externos, por exemplo, um artigo de jornal, clicando o botão “curtir” (BARTON e LEE, 2015, p. 59).

Vale ressaltar também que Crystal (2001), no seu trabalho “*Language and the Internet*”, foi o grande pioneiro dos estudos relacionados à língua e à Internet, ao lado de Lévy (2010), que discute sobre a mesma questão num posicionamento mais filosófico: “*Cibercultura*”, “*O que é o virtual*” e também “*As tecnologias da inteligência*”. Em vista disso, “as opções de leitura oferecidas pela mídia eletrônica estão criando novas práticas, exigindo-nos crescente capacidade de integrar as informações de modo não linear” (RONCARATI, 2010, p. 18).

Todas essas questões, como asseveram Shepherd e Saliés (2013), contribuíram para o surgimento de uma nova área de estudos dentro da Linguística: a *Linguística da Internet*, que nos ajuda a melhor compreender a realidade de uso da língua nas diversas interfaces da Web.

Ao estudarmos o texto digital, o fazemos entendendo que os sujeitos realizam escolhas linguísticas para atender aos seus propósitos comunicativos, assim a palavra “(...) passa a ficar carregada ideologicamente” (MARTINS, 2016, p. 53). Esse carregamento ideológico, nas expressões referenciais, constitui um elemento subjetivo e, portanto, torna-se um fator preponderante na construção identitária.

## **5 Uma proposta de análise**

Nesta parte do trabalho, mostramos dois quadros: o primeiro traz a transcrição do texto<sup>3</sup> escolhido para a análise; o segundo traz a descrição dos referentes utilizados para a sua construção.

---

<sup>3</sup> Optamos por “copiar” e “colar”, ao invés de fazer “*Print Screen*”, porque este não permitiria inserir a numeração. O conteúdo do texto foi preservado na íntegra, sem edições ou correções, e a identidade do autor não revelada, por questões éticas.

Quadro 1: Comentário *facebookiano*.

“Tenho **dois príncipes [1]** e **Ø [2]** sou perdidamente **apaixonada** por **eles [3]**, mas **Ø [4]** tenho medo dessas **novas regras [5]** **que Ø [6]** querem obrigar impôr essa **nova apologia do gênero [7]**, essas exposição **de artes com senas de sexo bizarra [8]**, **desfiles com homens nus no museu de artes modernas [9]**, e as **crianças [10]** todas em volta e a **mãe [11]** colocando **a criança [12]** pra tocar **o corpo do homem [13]**.... **Meus filhos [14]** são **príncipes [15]** **SIM** e **quem [16]** decide como posso pode ser chamado somos **nós [17]** **os MÃE e o PAI [18]**”.

Fonte: Rede social *Facebook*

Inserimos uma ordem numérica dos objetos de discurso (referentes), de acordo com o modelo adotado por Roncarati (2010), nos seus estudos sobre *cadeias referenciais*, para facilitar a retomada destes quando necessário.

Quadro 2: Seleção de referentes

[1] 1ª menção: ativação referente no texto;	[9] recategorização do referente [8];
[2] Ø (termo elíptico);	[10] introdução de novo referente;
[3] retomada do referente [1] por pronominalização;	[11] introdução de novo referente;
[4] Ø (termo elíptico);	[12] retomada e recategorização do referente [10] por repetição
[5] introdução de novo referente;	[13] introdução de novo referente
[6] retomada do referente [5] por elipse [Ø];	[14] introdução de novo referente
[7] recategorização do referente [5];	[15] retomada do referente [1] por repetição
[8] introdução de novo referente;	[16] e [17] pronomes-catafóricos do referente [18]

Fonte: Autores do trabalho

No início desta análise, enfatizamos que “no âmbito da mediação por computador<sup>4</sup>, muitas das materialidades das falas dos atores podem desvelar ideologias presentes e legitimadas pelas interações na sociedade”. (ARAÚJO e LEFFA, 2016).

Nesse sentido, como o sujeito em questão é usuário do *Facebook*, isso, ao menos hipoteticamente, leva-nos a identificá-lo como alguém aberto à discussão, do contrário, não participaria dessa rede social, que segundo Oliveira e Paiva (2016, p. 70), caracteriza-se como um sistema aberto em que

[...] as discussões saem dos limites do FB<sup>5</sup> e passam a ser tema de jornais, rádios e TVs e das conversas face a face. Da mesma forma, outras práticas sociais interferem nas ações de linguagem dentro do FB. Notícias sobre política, curiosidades, crimes

<sup>4</sup> Compreendemos o termo “computador” nas suas diversas vertentes: *Tablets, Notebooks, Smartphones...*

<sup>5</sup> *Facebook*.

bárbaros, dentre outras, são reproduzidas no FB e geram debates e manifestação de opiniões.

O texto aqui analisado não foge a essa regra e mostra um posicionamento, uma “reação” a determinado *post* polêmico, algo característico do FB, que muitas vezes transforma-se em “minifóruns” de discussão (BARTON e LEE, 2015).

## 5.1 Os traços identitários

Os “objetos de discurso” que compõem a cadeia referencial no texto *facebookiano* em questão revelam-nos alguns traços identitários, mas apresentaremos apenas dois, por julgarmos estarem mais salientes no texto selecionado.

Assim, a leitura contextualizada, fundada não só nos aspectos endofóricos, mas também nos exofóricos, permite-nos identificar, ao menos transitoriamente, o sujeito em questão como sendo:

a) **conservador** – em virtude de seu apelo à continuidade das formas de vida familiar e sociais tradicionais (leitura das entrelinhas), e pela oposição às mudanças radicais que se desenham na sociedade atual (compreensão a que chegamos por meio de inferência e pela observação do conjunto de referentes elencados para comentar o *Post*). Isso fica evidente quando observamos os objetos de discurso entre [4] e [13] – que mostram também uma reação contrária às “questões de gênero” (“ideologia de gênero” – como tem sido rotulado): *Ø [4] tenho medo dessas novas regras [5] que Ø [6] querem obrigar impor essa nova apologia do gênero [7], essas exposição de artes com senas de sexo bizarra [8], desfiles com homens nus no museu de artes modernas [9], e as crianças [10] todas em volta e a mãe [11] colocando a criança [12] pra tocar o corpo do homem [13]*.

Vendo a evolução desses referentes e pensando nas razões que levaram o sujeito a selecioná-los para compor seu texto, encontraremos uma estreita ligação com o que afirma Bakhtin (2000, p. 311, apud MARTINS, 2016):

Ao escolher uma palavra<sup>6</sup>, partimos das intenções ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo. É esse que irradia sua expressividade (ou melhor, nossa expressividade) para cada uma delas que escolhemos e que, dentro de certo acordo, inocula nessa palavra a expressividade do todo. Escolhemos a palavra de acordo com sua significação que, por si só, não é expressiva e pode ou não corresponder ao nosso objetivo expressivo em relação com as outras palavras, isto é, em relação com o todo de nosso enunciado.

<sup>6</sup> O autor utilizou o termo “palavra”, mas aqui o interpretamos como os **referentes**, expressões que assumem a forma de construções sintáticas que têm como núcleo **substantivos – os sintagmas nominais**.

Diante dessa afirmação do autor, queremos esclarecer que o termo “*conservador*” que utilizamos para descrever um traço da identidade do sujeito desta pesquisa não é um rótulo e não tem caráter pejorativo, de modo que o adotamos apenas em virtude das convenções sociais e linguísticas que nos permitem assim caracterizá-lo. Além do mais, como afirma Silva (2007),

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acaba, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (SILVA, 2007, p. 96).

Assim sendo, o sujeito que ora se revela “*conservador*”, mais tarde pode mudar de opinião e passar a ser configurado por outro termo, em virtude de diversos fatores (sociais, psicológicos, culturais, antropológicos etc.) que tornam a sua identidade fluida.

Sobre a produção de um “ponto de vista”, como também pode ser caracterizado o texto em análise, Charaudeau (2012) explica:

- Ponto de vista do *modo de ser*, que especifica de que maneira o locutor *tem conhecimento* de um Propósito, corresponde às modalidades de “Constatação” e de “Saber/Ignorância”.  
 - Ponto de vista de *avaliação*, que especifica de que maneira o sujeito *julga* o Propósito enunciado, corresponde às modalidades de “Opinião” e de “Apreciação”.  
 [...] (CHARAUDEAU, 2012, p. 83).

O outro traço identitário emergente do texto *facebookiano* é o seguinte:

**b) sujeito mulher/mãe** – traço percebido pelo emprego do adjetivo-predicativo “*apaixonada*” e pelos referentes [1], [14], [15] e [18]: “*dois príncipes*”, “*Meus filhos*” são “*príncipes*”, “os MÃE e o PAI”. Esses nominativos, de acordo com as convenções socioculturais e linguístico-gramaticais sobre gênero (e não estereótipos de gênero), permitem-nos afirmar que fazem parte do universo discursivo-enunciativo de uma “*mulher-mãe*”.

Para tanto, salientamos o pensamento de Silva (2007, p. 93), quando afirma que “[...] aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”.

Nesse sentido, ao utilizar os referentes acima destacados, o sujeito criou, mesmo que inconscientemente, uma autoimagem. Nesse aspecto, é importante lembrar que o processo de produção textual não envolve apenas fatores linguísticos, como observa Antunes (2010):

[...] compreender um texto é uma operação que vai além de seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.

[...] um segundo aspecto que deriva desse primeiro ponto é o fato de que o texto, como expressão verbal de uma atividade social de comunicação, envolve, sempre, um parceiro, um interlocutor. Não, simplesmente, pelo fato de que temos uma companhia quando falamos e, assim, não o fazemos sozinhos. Mas, sobretudo, pelo fato de que construímos nossa expressão verbal *com o outro*, a dois; de maneira que o texto vai tendo um fluxo conforme acontece a interação entre os atores da ação de linguagem (ANTUNES, 2010, p. 31-32).

Em termos identitários, podemos dizer, então, que o texto em estudo abre uma janela para compreendermos quem é o sujeito que comenta (o locutor), mas não podemos desconsiderar para isso o seu interlocutor imediato, o autor do *post*, e tantas outras vozes que estão por trás da ação comunicativa, como elementos ingredientes (direta ou indiretamente) da construção da identidade do sujeito.

Por outro lado, estudar a identidade do sujeito por intermédio da análise dos processos referenciais é uma tarefa demasiadamente complexa, pois há muitos fatores a serem considerados que, como vimos, ultrapassam a materialidade do texto. Entretanto, uma ideia surge como basilar: aquilo que singulariza um sujeito depende sempre do outro como referente.

Faraco (2009) afirma que boa parte dos teóricos tenta entender a interação como condicionada a fatores diversos, mas sem perder de vista as singularidades da subjetividade ou mesmo o inesperado nos eventos interacionistas. Para tanto, cita como exemplo o pensamento de George Mead.

[...] o social nunca é um dado homogêneo, mas sempre heterogêneo. O social contém uma multiplicidade daquilo que ele chama de “outros generalizados” (que poderíamos compreender como conjuntos de ações, representações, valores e atitudes que circulam numa determinada sociedade; ou, em outra terminologia, o conjunto dos pré-construídos históricos).

Desse modo, nenhum sujeito fica confinado nos limites de um único “outro generalizado”, mas emerge de relações simultâneas ou consecutivas com vários “outros generalizados” [...] (FARACO, 2009, p. 145-146).

Voltando-nos ao processo de constituição dos referentes, lembramos que “[...] todo processo de compreensão é interativo, alimentado por um contrato de cooperação firmado entre o autor, o sujeito escrevente, e seu leitor, o sujeito interpretante. Os sujeitos e os sentidos se constituem simultaneamente nesse processo” (RONCARATI, 2010, p. 34).

Portanto, para chegarmos a construir uma ideia sobre a identidade do “sujeito escrevente” do texto em análise, além de considerarmos os postulados teóricos acerca da relação entre referenciação e construção identitária, utilizamos as categorias de expressões referencias apresentadas por Roncarati (2010).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização desse estudo, tivemos que fazer os recortes necessários para a delimitação temática, do contrário, não conseguiríamos dar conta de uma questão tão abrangente: a aproximação entre referenciação, identidade e texto digital. No entanto, esforçamo-nos para apresentar uma visão, mesmo que sintética, dessa tríplice relação. E nossas reflexões e análise qualitativa dos dados, à luz de um consistente arcabouço teórico, permitiram-nos chegar às seguintes conclusões:

1) A relação entre *referenciação*, *identidade* e *texto digital* é possível numa perspectiva de *análise linguístico-textual* e num olhar *discursivo*, isso porque a discursivização faz parte da construção identitária do sujeito que, como vimos, passa pelas interações socioculturais. O sujeito, até para dizer-se “singular”, precisa do outro como referente. Nesse sentido, podemos dizer que não existe identidade que se construa apenas na unicidade, mas, sobretudo, na pluralidade.

2) O sujeito falante/escrevente, ao selecionar os objetos de discurso (referentes) que vão compor um texto, deixa transparecer traços de sua identidade, que é fruto das relações sociocognitivistas e interacionistas. Nesse sentido, podemos até parodiar um velho provérbio bíblico: “*Mostra-me o que escreves e dir-te-ei quem és*”. Ou seja, a escrita revela aspectos importantes da identidade de quem escreve, como propõe Bakhtin (2000) em seus estudos sobre gênero e discurso.

3) A identidade não é fixa e imutável, de forma que o que se revela hoje pode não mais se revelar amanhã, em razão do caráter volátil e performático de sua construção.

4) Na rede social *Facebook*, há um recurso de comentário que, muitas vezes, configura-se como site para minifóruns de discussões, possibilitando aos estudiosos do texto uma análise da opinião do sujeito locutor sobre o mundo, e do seu ponto de vista interno, aspecto diretamente relacionado à construção identitária.

Isso posto, vale ressaltar que, se aprofundarmos a análise sobre a ponte referenciação, identidade e texto digital, poderemos encontrar outros aspectos relevantes da construção identitária do sujeito. No entanto, nossas abordagens sobre essa questão tiveram aqui um caráter demonstrativo, e como tal acreditamos que o caminho percorrido mostrou-se satisfatório.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BLINKSTEIN, Izidoro. *Técnica de comunicação escrita*. São Paulo: Ática, 2006.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. Cambridge University Press, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIMA, Silvana Maria Calixto; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Waldiney Corrêa. *A construção de uma ponte: linguagem, referenciação, subjetividade e identidade*. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da, 1998 . Discurso e identidades em de aula de L1: a construção da diferença. In: MARTINS, Waldiney Corrêa. A construção de uma ponte: linguagem, referenciação, subjetividade e identidade. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Menezes; PAIVA. Facebook: um trator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RONCARATI, Cláudia. *As cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.